

RAWET, Samuel. *The prophet and other stories*. Translated and with an introduction by Nelson H. Vieira. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1998. 86p.

Nascido em um *shtetl* da Polônia, Samuel Rawet veio para o Brasil nos anos 30, quando contava sete anos. Sua família estabeleceu-se em um subúrbio do Rio de Janeiro. Essas circunstâncias biográficas determinam muito de sua ficção, na qual repercute a condição transeunte do imigrante expulso da Europa que tenta "fazer a América" na periferia da periferia desse continente. Todos os seus personagens, sejam ou não judeus e/ou suburbanos, defrontam-se com um profundo sentimento de inadequação. O título de sua primeira obra, *Contos do imigrante*, é um tanto enganoso: o imigrante bem-sucedido pode reivindicar como seus tanto o lugar de procedência como a terra recém-conquistada. Os imigrantes de Rawet, porém, sabem que já não lhes sobra recurso ao Velho Mundo, ainda que o Novo não lhes dê o sonhado abrigo. O Holocausto insinua-se nas entrelinhas como uma sombra transcontinental.

O personagem paradigmático de Rawet será provavelmente o protagonista da novela *Viagens de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro e de um futuro que já passou porque sonhado* (o título é longo, mas a novela é breve – menos de 60 páginas). Esse "Judeu Errante", em suas permanentes metamorfoses, termina por se identificar ao próprio criador: "E Ahasverus foi Samuel Rawet com plenitude", lemos nas últimas páginas. Ahasverus anda por toda a Terra, mas em nenhum lugar encontra morada, paradeiro ou descanso.

Por uma ironia infeliz, a obra de Samuel Rawet tampouco encontrou seu lugar ao sol da moderna literatura brasileira. Seus livros receberam loas e louros merecidos quando do lançamento, saudados por críticos como Assis Brasil e Jacob Guinsburg, mas logo caíram em um relativo esquecimento. Exceção feita para uma edição de *Contos do imigrante* pela Ediouro, as obras de Rawet hoje não se encontram no mercado brasileiro. Só por isso, *The prophet and other stories* merece aplauso. Essa antologia de contos, vertidos para o inglês por Nelson H. Vieira, professor de Literatura Brasileira e Portuguesa na Brown University, tem por principal objetivo apresentar Rawet para o leitor norte-americano. Mas pode igualmente servir para chamar a atenção dos leitores (ou, antes destes, dos editores) brasileiros para o criador excêntrico que foi Samuel Rawet.

A antologia também merece elogios por mais duas razões. A primeira é a qualidade da tradução. Rawet não é um inovador do léxico ou um renovador da sintaxe, como o contemporâneo Guimarães Rosa (*Contos do imigrante* apareceu em 1956, ano de *Grande sertão: veredas*), mas seu texto apresenta dificuldades evidentes para o tradutor. Vieira revelou-se eficiente sobretudo porque não fez uma tradução "didática" – isto é, não facilitou em inglês aquilo que é naturalmente difícil no português original. A frase longa e sinuosa preserva-se na passagem de uma língua para a outra. O tradutor mostra-se atento ao "estilo denso" e às "viradas elípticas" ("dense style and elliptical shifts"; p. XI da introdução do tradutor) de Rawet.

Os tais "elliptical shifts", em particular, fazem muito da dificuldade e do sabor de Rawet. Planos e sobretudo tempos diversos confundem-se, interpenetram-se. Assim em "Gringuiño", de *Contos do imigrante*:

Castanheiros de frutos espinhentos e larga sombra, colinas onde o corpo podia rolar até a beira do caminho. Framboesas que se colhiam à farta. Cenoura roubada da plantação vizinha. A voz da mãe repetia o pedido de cebolas. Coçar de cabeça sem vontade. No inverno havia o trenó que se carregava para montante, o rio gelado onde a botina ferrada deslizava qual patim.

Os castanheiros, as framboesas, a cenoura pertencem ao passado europeu evocado pelo personagem que, como o próprio Rawet, descobre-se menino em um país estrangeiro. A mãe que pede cebolas e a coçada na cabeça, porém, estão no presente da narrativa, já no novo país, hostil ao menino. Na frase seguinte, sobre o trenó, estamos novamente no passado, entre os amigos que o "gringuinho" deixou para trás ao tomar o navio para a América. Repare-se que o tempo verbal é o mesmo em todos os planos. Rawet tampouco faz concessões adverbiais – nenhum "então", ou "agora", ou "já nos dias de hoje" para amaciar a preguiça do leitor. A mudança temporal é súbita, elíptica – e brutal, como é brutal a experiência do choque de culturas a que é submetido o jovem protagonista da história. Assim é em "Gringuinho", e segue sendo em "Little Gringo":

Chestnut trees of prickly fruit and ample shade, hills where a body could roll down to the edge of the road. Raspberries they picked to their heart's content. Carrots stolen from the neighbor's garden. His mother's voice repeated the request for onions. He unwittingly scratched his head. In the wintertime there was the sled that was carried up the river, the frozen river where his ironclad boots slid like skates. (p. 27)

A segunda razão para louvar *The prophet* é a cuidadosa seleção realizada por Vieira. Os doze contos da antologia foram extraídos de quatro coletâneas: *Contos do imigrante* (1956), *Diálogo* (1963), *Os sete sonhos* (1967) e *O terreno de uma polegada quadrada* (1969). *The prophet* faz parte de uma coleção chamada "Jewish Latin America". Naturalmente, privilegiaram-se os contos que, de forma explícita ou velada, abordam a questão judaica (os quais, de resto, fazem a maioria da produção de Rawet): "O profeta" ("The prophet"), "A prece" ("The prayer"), "Judith", "Natal sem Cristo" ("Christmas without Christ"), "Johnny Golem", entre outros. Mas também reserva-se espaço para o violento onirismo de "Os sete sonhos" ("The seven dreams") e para o que o tradutor chamou de "conto metaficcional brincalhão" ("playful metafictional tale"), "Fé de ofício" ("Faith in one's craft") – não seria a única incursão de Rawet no gênero,

como se nota pelo seu estranho "Prefácio" em *O terreno de uma polegada quadrada*.

Sobretudo, a presença do subúrbio também é sensível nos contos selecionados. Rawet tinha uma curiosa atração pela margem – não por acaso, o autor morreu em Sobradinho, uma cidade-satélite de Brasília, a capital que ele, como engenheiro, ajudou a construir. É por essa tênue linha temática que se poderia descobrir uma linhagem de força para Rawet dentro da literatura brasileira (Vieira, na introdução, acentua sua condição singular e isolada de pioneiro da ficção judaica no Brasil). A atmosfera suburbana que descobrimos, por exemplo, nos parágrafos iniciais de "Diálogo" ("Dialogue") é de uma "brasilidade" que escapa ao mero pitoresco tropical. Porém, mesmo que se buscasse vincular Rawet a uma tradição literária "suburbana", o contista permaneceria deslocado, como parece ter desejado ser. Um Lima Barreto ou um Nelson Rodrigues, embora nem sempre condescendentes com a vizinhança, encontravam no subúrbio o seu cantinho afetivo. Para Rawet, porém, o subúrbio era o lugar preferencial para exercer seu exílio no Brasil – como em Portugal seriam os bares e boates que servem de cenário para "Lisboa à noite" ("Lisbon by night").

A palavra "subúrbio", aliás, traduz-se mal. Em "Judith", por exemplo, Vieira recorre à "suburb", solução literal que esbarra nas imensas diferenças culturais e econômicas entre Brasil e Estados Unidos. Pois o subúrbio pobre de Rawet, com suas valas cheias de sapos que coaxam em noites de chuva, suas varandas com samambaias, seus moleques descalços – esse subúrbio tem muito pouco a ver com o ajardinado "suburb" que culmina o *American dream*.

Outra crítica pontual ao tradutor – essa mais grave, pois envolve um problema cultural comum às duas línguas – deve ser feita a respeito de uma palavra em "Judith". A protagonista é uma judia que casa com um não-judeu. No original, lemos: "Quando se resolvera unir com outro que não de sua *raça*..." (grifo do resenhista). Na versão de Vieira: "When she had decided to tie herself to someone who was not of her *kind*..."

"Kind" é uma tradução eufemística, informada talvez pelos equívocos da correção política. Fôssemos traduzir a frase de Vieira de volta para o português, teríamos uma expressão

anódina como "de seus semelhantes" ou simplesmente "dos seus". A palavra em inglês para "raça" é "race", e nenhuma outra. Será talvez duro ouvir um escritor judeu utilizar um vocábulo tão marcado pelo cientificismo, pelo preconceito e, no limite, até pelo genocídio. Mas a ficção de Rawet é assim mesmo: dura. Foi essa a palavra que ele escolheu, essa a palavra que ele julgou adequada para expressar os pensamentos de sua personagem. Uma parte da contundência do conto – pequena, por certo, mas nem por isso negligenciável – perde-se na escolha vocabular do tradutor.

A ficção de Rawet revela-se incômoda a todos – judeus e católicos, brasileiros e americanos. Aos que se acham firmemente estabelecidos em seu quinhão de terra, contos como o pungente "A prece" ("The prayer") lembram que o exílio é a condição natural do homem moderno, e que a comunicação entre culturas diferentes (no caso, entre a estrangeira que reza por seus mortos e os vizinhos suburbanos que confundem a prece com algum tipo de ritual demoníaco) é difícil, quando não impossível. Não por acaso pesou sobre Rawet – como lembra Vieira na introdução – uma absurda imputação de anti-semitismo. A incompreensão é inevitável quando se toca em problemas tão sensíveis com tamanho destemor.

"Natal sem Cristo" ("Christmas without Christ") é exemplar do judaísmo heterodoxo do autor. Narra um jantar de Natal, na casa de uma família católica de posses, para o qual um professor judeu é convidado. Como todo protagonista de Rawet, esse professor, Nehemiah, é um exilado irredutível, observando tudo e todos a sua volta de uma posição deslocada, descentrada. O que o irrita na conversa trivial de seus anfitriões não é tanto o anti-semitismo em si, mas a sua dissimulação sob chavões supostamente generosos – por isso se volta para a velha matriarca, Nani, na esperança de que ela expresse, sem subterfúgios, o ódio ancestral.

Nani, porém, parece um tanto senil. Só o que faz é pedir mais e mais vinho. Em "O primeiro café" ("The first cup of coffee"), conto de atmosfera bem mais amena, uma imigrante judia põe sal em vez de açúcar no café – engano banal que parece denunciar outros equívocos, indefiníveis e mais profundos, na

vida dos imigrantes. Samuel Rawet acusa o tanto de bile que há em nosso café, e de sangue em nosso vinho.

Jerônimo Teixeira
Mestre em Letras